



## Quem educa a quem? A Troca de Saberes em Viçosa

Sara Barbosa<sup>1</sup>, Henrique Geovanine Macedo Costa<sup>2</sup>, Cristiana Teixeira Silva<sup>3</sup>, Willer Araujo Barbosa<sup>4</sup>, Laura Pronsato<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Estudante do Curso de Biologia da UFV. [sarabarbosa88@gmail.com](mailto:sarabarbosa88@gmail.com); <sup>2</sup>Graduado em História na UFF e professor de história da rede estadual de ensino. [hgeovanine@hotmail.com](mailto:hgeovanine@hotmail.com); <sup>3</sup>Estudante de Economia Doméstica. [cristiana.teixeira@ufv.br](mailto:cristiana.teixeira@ufv.br); <sup>4</sup>Filósofo educador, professor do Depto. Educação da UFV. [wbarbosa@ufv.br](mailto:wbarbosa@ufv.br); <sup>5</sup>Mestre em artes Corporais, Doutora em Educação e professora do Curso de Dança da UFV. [lpronsato@ufv.br](mailto:lpronsato@ufv.br).

**Resumo:** O debate dos saberes agroecológicos na Universidade Federal de Viçosa sempre foi um grande desafio. Desde 2005, a UFV, pautada nas discussões das organizações sociais universitárias, não governamentais e populares em torno de alternativas sobre novos saberes, se articula na criação do Programa Teia de Extensão Universitária, cujo objetivo é consolidar uma metodologia baseada na construção coletiva do conhecimento, na interdisciplinaridade, na indissociabilidade extensão-pesquisa-ensino e na relação com as comunidades e/ou movimentos sociais. Interessa proporcionar visibilidade e trocar experiências e saberes entre os diferentes autores, agentes e atores sociais para um intercâmbio na promoção de um ambiente de sinergia entre os conhecimentos. Por meio de exercícios contínuos de auto-organização, que incluem a desorganização e a reorganização como processos formativos, nascem estratégias teórico-metodológicas de ações coletivas que potencializam alternâncias educativas entre os espaços comunitários e a universidade.

**Palavras-chave:** saberes da experiência; universidade-sociedade; extensão universitária dialógica.

### 1. O verbo do movimento

*A educação não é hierárquica, e sim possui dois sentidos, simétrica (via de mão dupla), e também é dialógica, pois é através da comunicação que são estabelecidas as relações com o outro (Paulo Freire).*

A Troca de Saberes é um evento que acontece anualmente desde 2009, em um espaço físico amplo de um gramado aparentemente vazio e de pouca circulação (ou melhor... apenas circulação de passagens). Espaço que no dia a dia da universidade ainda oferece acolhimento para pequenos



encontros e reuniões realizadas debaixo das poucas sombras e assentos que existem. Entende-se que pode ser um vazio necessário em um mundo-universidade de tanta informação e tantos atropelos. Em tempos de aceleração e produtividade há um espaço aberto à contemplação e à possibilidade de devaneios e de ocupações passageiras, um passo imprescindível aos exercícios contra-hegemônicos.

E é assim, contemplando a paisagem criada numa quase-concepção estética inovadora, pensando e agindo em temáticas e deixando o tempo se dilatar (mesmo que minimamente) que se vai configurando a Troca de Saberes como evento, como lugar de passagem, como espaço, ainda que momentâneo, de trocas. Um espaço de ocupação em que se ergue uma outra cidade dentro da cidade – a aldeia de bambu dentro-fora da cidade-universitária. Em tempos de preparação, durante o evento e no pós-evento, o tempo tende a dilatar-se, ainda que se mantenham as lógicas produtivistas de tempo de trabalho. Só em tempo dilatado é possível ter a experiência da troca mais que troca (LARROSA, 2002). É preciso deixar-se dilatar o tempo, tanto individual quanto coletivamente. É nessa dilatação que a extensão na universidade dá visibilidade a uma dimensão de aproximação dos termos extensão-pesquisa-ensino (e em qualquer ordem) até, quem sabe, a hifenização deixar de existir.

Desde 2005, a Universidade Federal de Viçosa (MG), pautada nas discussões das organizações sociais universitárias, não governamentais e populares, em torno de alternativas sobre novos saberes, se articula na criação do Programa Teia de Extensão Universitária, cujo objetivo é consolidar uma metodologia baseada na construção coletiva do conhecimento, na interdisciplinaridade, na indissociabilidade extensão-pesquisa-ensino e na relação com as comunidades e/ou movimentos sociais.

Deste modo, a partir de metodologias participativas, interessa proporcionar visibilidade e trocar experiências e saberes entre os diferentes autores, agentes e atores sociais para um intercâmbio na promoção de um ambiente de sinergia entre os conhecimentos. Por meio de exercícios contínuos de auto-organização, que incluem a desorganização e a reorganização como processos formativos, nascem estratégias teórico-metodológicas de ações coletivas que potencializam a alternância educativa entre os espaços comunitários e a universidade.



Com a articulação proporcionada pelo Programa Teia de Extensão Universitária chegou-se à efetivação da *Troca de Saberes*, cuja primeira edição se deu em 2009 e foi realizada em apenas um dia, contando com a presença de mestres populares e agricultores da região, que junto ao público universitário se reuniu para debater e registrar os seguintes temas: Cultura, Mundo do Trabalho, Terra, Águas e Agroecologia, terminando com uma grande roda de discussões ao fim do dia.

Em 2010, o evento foi realizado em três dias. A partir das quatro temáticas referidas acima foram realizadas Rotas (temáticas pelas quais os participantes podem circular) totalizando 24 Instalações nas quais, divididos em grupos, os participantes puderam visitar temas como Solos, Gênero, Energia, Educação, Culturas, Agroecologia. A ferramenta metodológica utilizada - Instalação Artístico-Pedagógica - se constitui em ambiências construídas a partir da realidade existente nas dependências da UFV, como laboratórios, experimentos de campo, museus, etc. Através dessas Instalações foram tecidos diálogos, visando à interação entre os diferentes sujeitos e a geração de novos saberes e reflexões.

Nesse ano foi incluído o Círculo de Cultura, legado freireano, como instrumento metodológico, que se caracterizou como um momento de interação entre diferentes manifestações culturais da região, entre elas a Folia de Reis, o Congado, a Capoeira, contadoras de estórias, além de escritores e musicistas. Isto possibilitou um mapeamento das culturas de parte da Zona da Mata mineira, uma iniciativa para a criação de um Fórum de Cultura das relações sociedade-universidade, que atualmente desemboca na proposição do Mais Cultura na UFV. Nesse ano também se incorporam, inspirado pelos Pontos de Cultura do Ministério da Cultura, as Mestras e Mestres Griotas<sup>1</sup>, isto é, detentor@s e portador@s da experiência e da sabedoria popular. Visando potencializar os espaços de socialização, foi criado o Empório da Mata, ponto de comercialização da economia popular solidária junto à tenda central, local de encontro das pessoas antes e depois das Instalações e onde ocorreu a dinâmica do Espaço Aberto com os temas transversais: Agroecologia, Culturas, Saúde Integral, Economia Solidária, Gênero, Segurança Alimentar e Educação do Campo.

---

1 O próprio estudo de África indica que a expressão atual mais pertinente, inclusive comum de dois gêneros, é griotas, subsumindo as anteriores griô ou griot.



Em 2011, as rotas desapareceram, mas permaneceram as Instalações Pedagógicas e os Círculos de Cultura. Cada participante escolhia permanecer em uma instalação por dia, permitindo mais tempo para que fossem realizados maiores aprofundamentos. Foram realizadas 23 instalações pedagógicas, envolvendo participantes de 11 Departamentos da UFV, entre eles discentes e docentes de diversas áreas do conhecimento; o Programa TEIA; o Observatório da Educação do Campo/UFV e o Observatório dos Movimentos Sociais, dentre outros parceiros do evento na geração de diálogos com aproximadamente 250 representantes dos movimentos sociais e sindicais de Minas Gerais. Novamente organizou-se o Empório da Mata, no qual agricultores familiares da região puderam trocar seus saberes, além de um palco livre. Neste ano o termo Culturas foi fortemente relacionado com a produção da vida em sua diversidade. Além disso, houve uma ampliação da articulação entre os parceiros envolvidos em sua realização.

Em 2012, a Troca de Saberes contou com a presença de aproximadamente 300 participantes, agricultor@s oriundos, majoritariamente, de comunidades rurais, urbanas e periurbanas e assentamentos de diversos municípios da Zona da Mata mineira, além de jovens estudantes de seis Escolas Família Agrícola. Durante essa edição incorporou-se à metodologia das Instalações Pedagógicas os Círculos de Cultura, em decorrência da avaliação positiva das versões anteriores, compreendendo-os como momentos riquíssimos para o exercício dialógico em qualquer modo de promoção coletiva que incentive processos educativos. Contou com 31 Instalações Pedagógicas, seis Sessões Simultâneas de Vídeo-Debate, uma Assembleia dos Movimentos Sociais e um Espaço de Sistematização dos Saberes, desenvolvido a partir da metodologia participativa Café do Mundo. Diversas manifestações artísticas regionais, como o Congado, a Folia de Reis, a Capoeira, Escola de Samba, os Violeiros e contadores de estórias se apresentaram durante o evento. Um momento marcante foi a intervenção artística Auto do Boi Envenenado, onde uma trupe de dança-teatro formada a partir das Danças Brasileiras abordou os malefícios do uso dos agrotóxicos.

Em 2013, foram abordados temas variados, como piscicultura, educação do campo, bovinocultura, solos, cultura afro-brasileira e Agroecologia e as Instalações Pedagógicas passaram a se chamar Instalações Artístico Pedagógicas. Neste mesmo ano, o curso de Licenciatura em Educação do



Campo – LICENA teve sua primeira turma e tivemos a importante participação dos estudantes e professores do curso, que puderem contribuir com questões sobre Educação Popular.

Em 2014 a Troca de Saberes trouxe o tema Sementes Saúdes Juventudes que foi muito bem abordado em diversos espaços, podendo destacar a Troca de Sementes, onde participantes trouxeram sementes crioulas de suas comunidades para trocá-las.

Em 2015 o tema central foi “Brotar da Terra a liberdade do florescer da vida”. Além das metodologias participativas, aconteceram testes de transgenia com algumas sementes crioulas trazidas por participantes, através dos quais se comprovou que as mesmas não eram transgênicas. Além disso, na tenda dos povos originários, acendeu-se uma fogueira que representou o fogo sagrado e se manteve acesa durante os dias do evento contando com a colaboração dos participantes que se organizaram para que a chama não se apagasse.

A Troca deste ano, 2016, teve um tema inusitado que trouxe estranhamento - palavras diferentes - em uma língua tomada como extinta, a Puri. Terminologias pouco conhecidas e várias palavras unidas configurando-se em uma única e tensa vinculação: M’namãÁgua: RodadeSaberesdasTrasnformações.

## **2. Ensino? Pesquisa? Extensão?**

A relação entre a produção de saber e o conhecimento produzido e legitimado na universidade se faz, na maioria das vezes, em detrimento do saber enquanto realização da plena experiência humana. Normalmente, dentro de uma universidade, são priorizados formatos de produção de conhecimento que se encaixam naquilo que se convencionou chamar de Ciência. Por outro lado, se qualquer saber é produzido na relação com a vida, já que nenhum saber pode ser compreendido fora da dimensão da vivência, todo e qualquer ser humano é impelido a realizar reflexões e ações para promover sua existência. Dessas reflexões e ações surge uma série de ideias sobre o que seja a vida ou sobre o que seja a passagem de cada um nos espaços por onde vive.

Há então, para qualquer pesquisador-educador que queira entender a produção de saber numa universidade de uma maneira mais ampla e abrangente, uma necessidade de pensar a relação sobre a





produção de conhecimento dentro da universidade, primeiramente reconhecendo que esse não é único nem melhor espaço de produção de conhecimento, ainda que muitas vezes essa seja a compreensão pretendida.

Esse primeiro recorte gera a necessidade de se pensar por que o conhecimento produzido na universidade não é necessariamente um potencializador ou congregador das diversas formas de produção de saberes existentes. A universidade, assim como o saber não pode ser alcançado numa reflexão fora da vida, existe dentro de uma sociedade e, portanto, não pode ser pensada fora dela. É organizada por forças sociais, econômicas, culturais e políticas, ainda que essa relação não possa ser compreendida de forma cartesiana, sendo essa mesma universidade permeada por diversas disputas nos campos da vida e por diversos atravessamentos, refletindo assim a complexidade, movimentos e mudanças típicos de qualquer sociedade.

Numa sociedade capitalista, construída a partir da expropriação de diversos fatores essenciais de produção da vida, seja em relação propriamente à reprodução da vida material, como a terra e seus meios de produção, seja em relação à reprodução de aspectos mais amplos da vida, como acesso a saberes e práticas das diversas culturas existentes, a universidade refletirá esses mesmos processos excludentes em sua dinâmica. Sendo assim, tal qual a sociedade que envolve a universidade, esta reproduzirá mecanismos autoritários de gestão, de relação e de produção de conhecimento. O conhecimento e seus diversos processos de produção e de relação, fomentados pela universidade, na maioria das vezes tenderá a beneficiar os grupos que ocupam os centros decisórios e de gestão desse espaço hierarquizado.

Ao analisarmos o processo de produção do espaço da universidade dessa forma mais abrangente, não a entendendo sem uma relação com seu entorno e com as questões sociais, econômicas, políticas e culturais que a envolve, podemos alcançar a problematização sobre porque a ciência vem sendo produzida de forma excludente dentro das diversas universidades existentes no Brasil. Com isso, a naturalização e a percepção da ciência como principal produtora de conhecimento cai por terra. A universidade passa a ser percebida como uma agenciadora de grupos que perpassam



esse espaço, todos eles em relação com os diversos setores da sociedade envolvente e que, por seus interesses próprios, desenvolvem suas linhas de pesquisas e seus projetos.

Poderia ser uma contradição essa percepção ou mesmo uma desconsideração da “Coisa Pública” nessa perspectiva? Certamente que sim se percebêssemos o Estado como um agente neutro que, tendo uma visão imparcial e de fora da sociedade, pudesse escolher quais são os investimentos e prioridades das diversas instituições públicas em funcionamento e administradas por essa instituição. Por outro lado, se percebemos o Estado Brasileiro permeado pelas diversas contradições de nossa sociedade, rapidamente localizamos sua estrutura hierárquica, autoritária e produzida a partir da desigualdade. Tal estrutura da universidade, organizada a partir dos grupos dominantes, ainda que em diversos momentos possam ter políticas mais ou menos progressistas, tende, de uma forma geral, a beneficiar em seus processos de produção de conhecimento os grupos que possuem o poder hegemônico nos campos da vida, sejam eles econômicos, sociais, políticos ou culturais.

Ainda que todos esses campos citados sempre se atravessem, na perspectiva apontada, podemos claramente observar como essa hegemonia excludente opera nas diversas instâncias da universidade. A ausência da participação popular nas decisões e nos rumos da universidade reflete, por exemplo, como esse mecanismo de exclusão opera no campo político. Ao observarmos os mecanismos de acesso e permanência de estudantes na universidade, podemos refletir como a exclusão atravessa o campo social, na medida em que viver o ambiente universitário e acessar sua imensa infraestrutura para produção de conhecimento é um privilégio de poucos. Na prática, a grande maioria dos estudantes oriundos de camadas populares da sociedade tem sérias dificuldades para produzir conhecimento autônomo na universidade ou mesmo para concluir seus projetos e cursos.

Esses apontamentos são apenas breves ilustrações de como se opera a exclusão dentro da estrutura da universidade, contudo, se pretendermos fazer um estudo mais aprofundado sobre essa questão veremos mais claramente como esses mecanismos operam nos diversos campos da vida de forma atravessada. Um exemplo disso seria a questão econômica, com a qual a exclusão opera em benefício dos grandes grupos hegemônicos da economia, normalmente pertencentes aos setores empresariais, financeiros e do agronegócio, que por sua vez assediam o Estado de forma que esse trace



políticas públicas que beneficiem as práticas de produção de pesquisa em prol da reprodução da lógica capitalista em nossa sociedade. Há, portanto, no campo cultural, uma reprodução de uma cultura universitária da exclusão que se reflete nos diversos procedimentos cotidianos da universidade e nas suas ditas instâncias privilegiadas de produção de conhecimento, a saber: o ensino, a pesquisa e a extensão.

Nessa perspectiva se desenha muito claramente como são produzidas as ausências de reflexões e práticas que não se alinham com esse tipo específico de produção de conhecimento pautado na exclusão. Contudo, como em qualquer espaço social, os tensionamentos das forças sociais provocam a universidade a um movimento de incorporar forças sociais que não se alinham nessa perspectiva, ainda que estas tenham que partilhar da vivência cotidiana nesses mecanismos de exclusão.

Ao perceber que a Universidade pode abrir-se ao acesso a diversas tecnologias sociais, teorias dos saberes, pesquisas que incluam a multiplicidade ou mesmo que apontem para uma mudança na sociedade e/ou na própria universidade, diversos setores críticos da ciência passam a se encontrar nesse espaço. E ali, produzir orientações e práticas que avançam na perspectiva de que a produção de saber, sendo uma prática das diversas culturas humanas, pode criar na universidade mais um lócus de resistência, assim como afirmar emergências e/ou reemergências de subjetividades e comunidades. Deste modo, potencializa-se a multiplicidade dos saberes tão combatida pelas perspectivas científicas que buscam se universalizar a partir da exclusão da diversidade.

### **3. A extensão como prática pedagógica da experiência**

Se a experiência, como Larrosa (2002) nos diz, é aquilo que nos atravessa, que nos marca e que nos afeta, para além daquilo que existe ao nosso redor, a experiência em educação precisa saltar do aprendizado de quantidades intermináveis de teoria para o aprendizado da experiência. Nesse sentido, a perspectiva que mobiliza a experiência em educação por nós vivenciada e que, portanto, nos afeta, nos toca e nos move, tem uma forte relação com a extensão. Não a extensão como espaço universitário que se estende à comunidade quase que como um prestador de serviços, muitas vezes identificados com





perspectivas assistencialistas. Pelo contrário, a extensão na nossa perspectiva se inscreve como o espaço do encontro, como motor de desenvolvimento local, de autonomias e de emergências culturais, sociais, econômicas e políticas.

A agroecologia, uma emergência acolhida e gerada na relação com os movimentos sociais de agricultores e de diversos outros setores da sociedade críticos à perspectiva de desenvolvimento hoje colocada pelos gestores do capitalismo, passa a ser o fio condutor que entrelaça os diversos projetos de extensão que fazem parte dessa Teia.

Dessa forma, por meio da produção dos encontros a perspectiva da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, uma bandeira tão badalada, mas também tão negligenciada pelo ambiente universitário, surge de forma contundente, na medida em que o contínuo partilhar de reflexões emerge como dimensão da pesquisa, assim como essa troca cotidiana se revela como dimensão do ensino e a perspectiva de extensão revela o contínuo cuidado com os espaços de troca que se produz.

Valorizar a dimensão pedagógica da extensão parece ser central num contexto em que, de um modo geral, a grande maioria dos espaços institucionais de produção de saber, as escolas, têm cada vez mais consolidado uma perspectiva de relação com ensino a partir de quantidades de aspectos teóricos, organizados e encaixotados em disciplinas e que, geralmente, não têm a menor relação com a vida dos estudantes, ou seja, não produzem afeto, não atravessam, apenas passam, tornando qualquer cotidiano escolar que trabalha dessa forma engessada um espaço de desperdício da experiência.

Recuperar a dimensão da extensão na produção do saber, acompanhando as exitosas experiências das Escolas Família Agrícola, importantes parceiras da Troca de Saberes e que têm encontrado na pedagogia da alternância uma alternativa de produção de saber, que reconhece a cultura e o outro na produção do conhecimento, que existe para a produção de autonomia e de desenvolvimento local, é um importante passo a ser dado pelos projetos atravessados pela agroecologia e pelos movimentos sociais que existem na universidade.

#### **4. A Troca de Saberes - Artes da extensão universitária e da agroecologia?**



Na contramão de modelos hegemônicos e na quebra de paradigmas estabelecidos pelo agronegócio surge a Troca de Saberes como mecanismo de comunicação popular, uma vez que a troca proporciona um diálogo entre o conhecimento científico e os saberes populares tendente ao horizontal e ao participativo.

A Troca de Saberes proporciona a discussão de uma nova agricultura, uma agricultura mais sustentável e democrática, consolidando uma ecologia dos saberes (SANTOS, 2003) que ressignifica e reelabora conhecimentos levando em conta os saberes populares e assim mapeia diversas frentes que trabalham a transição para a Agroecologia, estreitando os laços de relação entre esses grupos.

Assim, a troca de saberes tem o espaço de revalorização e demonstração de conteúdos que são suprimidos pela cultura de massa comercial e focada apenas no consumo imediato, efêmero, que reproduz e cria valores muitas vezes conflituosos com a formação social e econômica de seus receptores.

A valorização do potencial criativo, orgânico e ancestral é representada pela presença de atividades socioculturais, como Congado, Folia de Reis, entre outros. É uma forma de reconhecer a capacidade de comunicação e principalmente uma maneira de aproximar a comunidade acadêmica e os ritos populares, que há muito tempo, salvo exceções, foram subjugados e ignorados por essa academia elitista e que não representava ainda assim toda a complexidade de formação sociológica dos povos e da diversidade brasileira.

A cultura popular é convidada, desde a concepção e organização da Troca, buscando entre todas e todas as (os) envolvidas (os) conhecimentos e resistências e a valorização de saberes intergeracionais que *traduzam* (SANTOS, 2003) e criem estranhamentos e reflexões.

Assim, enquanto estudantes agroecológicos, é na Troca que visualizamos o que é produzido fora das universidades, já que somos induzidos a reproduzir um conhecimento colonial e mesmo ditatorial. E se há tempos o êxodo rural causado por esta prática arranca o agricultor do campo, hoje o que se propõe, numa ecologia de saberes, a construir é uma imersão dos estudantes na vida do campo, por meio do processo de ensino-aprendizagem de bases agroecológicas, fortalecido ano a ano pela Troca de Saberes. Os movimentos agroecológicos buscam a pluralidade e se difundem cada vez mais.



Com isto, entende-se que a diversidade contra-hegemônica volta-se para estes espaços de troca presentes no campus universitário da UFV. Um paradoxo somente possível devido à resistência agroecológica.

Desse modo, os objetivos da Troca de Saberes são compartilhar num único espaço de conhecimento, vivido e científico de forma que haja complementação entre ambos, sem a desvalorização de um deles; além de comunicar com o meio exterior à universidade, por meio de Instalações Artístico-Pedagógicas, temas político-sociais, ambientais, de fortalecimento de identidades. Falas de movimentos, como o Movimento dos Atingidos pela Mineração, o Movimento de Atingidos por Barragem, Plantadores de Água, Centro de Tecnologias Alternativas, de diversos grupos culturais, trazem a diversidade dos quereres para dentro da universidade, questionando também as propostas de desenvolvimento hegemônicas em nossa sociedade.

Outro momento importante e que não pode deixar de ser citado neste texto é a já tradicional construção do Ato Público ao final da Troca de Saberes, que no ano de 2016 teve como tema “*Água: volta querida*”, trazendo de forma mais latente a dimensão política desse processo, assim como a afirmação de princípios cunhados coletivamente a partir da valorização das diversas experiências e dos diversos saberes partilhados durante a Troca. Uma forma de receber e emitir sinais para um futuro mais orgânico, agroecológico e diverso. É um local que não existiriam barreiras entre conhecimentos populares e os avanços da academia, todos estariam ali para ensinar e aprender, compreender, analisar, serem elementos de transformação em sua comunidade, em sua sociedade.

## **5. Se há Trocas não se finaliza! O que move? O que transforma?**

Permitir que a comunidade ocupe a universidade é necessário! É empoderamento e ecologia dos saberes da comunidade no espaço público da universidade. Para que a troca exista efetivamente, para que possamos passar pela autenticidade da experiência é importante ir às bases sociais, gerar inserções sociais significativas. Esta avaliação precisa ser permanente e em ampla parceria. Também duvidamos de nosso próprio fazer para aceder à experiência. Quais as tensões e desatenções que a Troca promove?



Trocar saberes... trocar experiências, trocar olhares, trocar toques. Tocar e ser tocado, de leve ou com profundidade. Saberes... que saberes? - acadêmicos, populares... ancestrais. Talvez mais do que trocar a questão seja ser atravessado, agenciado pelos saberes universitários em relação com os saberes populares de vida. Um sendo tocado e tomado pelo outro. A troca, pura e simplesmente, já parece pouco e surge a questão da experiência como aprofundamento – não apenas de conceitos, mas também deles, porque as palavras podem ser perversas e com elas mais do que nos representamos, nos apresentamos, bem como intuições, olhares diversos, olhares pausados, contemplação... e, óbvio, ações.

Sabemos que o estranhamento desperta curiosidade, desperta questionamentos, faz olhar diferente, é correr riscos de entrar em lugares desconhecidos... e, porque não? As palavras se unem, não são mais duas, três, quatro, formando uma frase - tornam-se UMA. Carrega outra complexidade que precisa de múltiplas visibilidades e inteligibilidades. Trazer à tona a complexidade do pensar, da tríade ensino, pesquisa e extensão<sup>2</sup>, bem como a dicotomia teoria-prática, corpo-mente e de outras bipolaridades essencialistas.

Enfim, do vazio prenhe da contemplação ao devaneio e ao tempo outro - a magia da troca. Mas e os entraves? Quais os conflitos que ainda temos que vivenciar e superar (ou não superar, mas sabê-los criticamente)? A Troca de Saberes se percebe como um espaço/lugar/ambiente de empoderamento da população não universitária e de aproximação dos espaços universitários com seu entorno? Continua proporcionando a reflexão/ação de políticas públicas? O que move? O que transforma? São questões que continuam pulsando para que os saberes ganhem circularidade, dialoguem, ainda que com suas tensões e dificuldades sem fugir disto. A escolha é mesmo a do difícil, como nos ensinaram os grandes sábios dos povos ancestrais, os grandes poetas. A escolha pelo difícil é o que produz a possibilidade de uma transformação, já que não nos interessa a validação de um saber dado como pronto. Nos interessa

---

2

O grupo de autores deste texto vem discutindo a questão da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão em todas as suas atividades, quer seja em estudos teóricos e em suas práticas. Deste modo, os autores deste texto, decidiram por esta grafia sem hífen, sem barras, sem vírgulas, unindo todas as palavras em uma única.



rodar os saberes no sentido da transformação dos próprios saberes da sociedade como um todo (BARBOSA, 2015).

## Referências

BARBOSA, W. et al. Programa Teia: trocando saberes e reinventando a Universidade. Revista Agriculturas. v. 10 - n 3, setembro de 2013. Disponível em <http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Artigo-1.pdf>. Acesso em agosto de 2016.

\_\_\_\_\_. Vídeo de divulgação da Troca de saberes, 2015.

LARROSA, Notas sobre a experiência e os saberes da experiência. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em agosto de 2016.

SANTOS, Boaventura de S. Conhecimento prudente para uma vida decente. Porto. Ed. Afrontamento. 2003.

SILVEIRA, Priscila Resende. Tecendo Saberes no Teia/UFV: práxis e extensão Universitária. Viçosa-, MG, 2014.